



RESENHA DO LIVRO *INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DE ANGOLA* (2025) DE DR. PATRÍCIO BATSÍKAMA E DR. TIAGO CAUNGO MUTOMBO

REVIEW OF THE BOOK INTRODUCTION TO THE HISTORY OF ANGOLA (2025) BY DR. PATRÍCIO BATSÍKAMA AND DR. TIAGO CAUNGO MUTOMBO

Jaider Batista da Silva¹

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-4303-0682>

Sob o título despretensioso *Introdução à História de Angola*, mais de 500 páginas estão carregadas de densidade narrativa e documental, a registarem a trajetória de mais de três mil anos dos povos de origem Bantu na ocupação e configuração do território que hoje conhecemos como Angola. Basta abrir o livro para se dar conta que não se está diante de apenas uma Introdução, como prometida.

Os jovens autores, Dr. Patrício Batsíkama e Dr. Tiago Caungo Mutombo, pela produção e pelo ativismo na área da História, gozam de reconhecimento em Angola, são referência para as Universidades no continente africano, em Cuba, no Brasil e países da Ásia e Europa. Além da investigação científica, têm se dedicado a exercer a gestão universitária em instituições importantes para o país, como o Instituto Tocoísta e a Universidade Metodista, de Angola. Em iniciativa mais recente, lideram a criação da Associação dos Historiadores de Angola.

O livro foi publicado em 2025, pela UFPE - Universidade Federal do Pernambuco, Recife, do Brasil, editado pelo *pool* de editoras universitárias daquele país. Isso demonstra o intenso e crescente interesse pelo assunto no Brasil, onde o ensino da História da África tornou-se obrigatório na educação escolar. A obra ganhou o prefácio do Dr. Bornito de Sousa, professor universitário e ex-vice-presidente da República, a indicar a relevância da publicação. Ele comemora o facto da obra superar alguns mitos recorrentes no ensino da História em Angola e a saúda pela novidade de conteúdo e de narrativa que deixam para trás a dependência da história contada pelos colonizadores. Não deixa de ser significativo o facto de Angola ser governada por um licenciado em História, o Presidente da República João Manuel Gonçalves Lourenço e o lançamento da obra coincidir com o momento de comemorações dos 50 anos da Independência, a Dipanda.

¹ E-mail: jaiderbatista@uol.com.br. Professor da Faculdade de Teologia do Quéssua, Malanje, Angola.

Na sua introdução, a elaboração do livro é apresentada pelos autores como uma resposta ao desafio lançado aos historiadores angolanos, em 1998, pela ministra da Cultura, Dra. Ana Maria de Oliveira, de se escrever a História de Angola. Declaram o livro como dirigido a intelectuais e académicos, para fomentar o debate e inserem a obra no compromisso de cultivar a consciência histórica sobre Angola, sobre o sacrifício da construção do país e a necessidade de manter a integridade nacional como tarefa acima de qualquer outra.

A narrativa ganha estilos diferentes ao longo da obra. É perceptível um estilo hermético, para académicos iniciados, em toda a parte sobre os *Estados Pré-Coloniais*. É recomendável ter leitura e entendimento prévio de Antropologia para o melhor proveito desse Capítulo I. Uma narrativa mais factual e documental da História flui nos capítulos II e III, respectivamente *Da Resistência à conquista da Independência* e *Guerra Civil e Democracia em Angola*. Um terceiro estilo, quase jornalístico, marca o capítulo IV, *República contra a corrupção*.

Os autores convidam a um recuo na História a 1700 anos antes da Era Comum, para, a partir daquele momento, acompanhar a grande viagem do povo Bantu, desde a região atualmente denominada Golfo da Guiné, para o Leste até o lago Vitória e ao Norte para os territórios hoje conhecidos como Gabão e Guiné Equatorial, a seguir os caminhos traçados pelos rios. Pinturas em pedras e arte cerâmica registam essas passagens, tornando possível demarcar a chegada do povo Bantu ao território atual de Angola, na região do Bié, no longo período de 1000 a 400 anos antes da Era Comum. A migração para Angola continuou em ondas sucessivas, vindas do Leste e do Norte, com a consolidação da presença Bantu em todo o território, por volta do ano 1100 desta Era. A organização política, as referências de parentesco, a evolução das variações linguísticas e a produção material e espiritual são descritas com os detalhes de um tratado antropológico, sem prejuízo para o registo histórico da criação, duração e realizações dos estados pré-coloniais Njila e Vatwa e o encontro, com interações e conflitos, dos Bantu com esses grupos originários. Descreve, como decorrência da evolução Bantu, o Reino do Kôngo, o Império Rûnd/Lunda, os Cômwe, o Reino do Ndôngo e Matâmbe e os Reinos Umbundu.

Se o período coberto pelo primeiro capítulo é amplamente desconhecido e exige a busca da arqueologia e da linguística para ser desvelado, o tempo do Capítulo II, de 1491, do primeiro contato com o colonizador europeu, a 1975, da Independência e dispensa desse elemento colonizador, exige definir o que jogar fora. Quais os mantos que a linguagem, os interesses e propósitos do colonizador definiram a forma de contar a História? Livrar-se desses mantos e assumir a narração de modo autónomo está bem demarcado desde o título do capítulo: *Resistência*. Da rapinagem ao genocídio, da escravização à submissão religiosa, os factos se sucedem ao longo de mais de 400 anos. E, como elemento surpresa, o século XX traz a emergência da consciência anticolonial, profundamente arraigada e propagada a partir da liderança nativa que se desenvolveu nas missões protestantes. Os 14 anos da guerra de libertação, o desenvolvimento em separado dos movimentos de libertação, a Independência, os conflitos armados posteriores - aqui descritos como guerra civil - e o nascimento da República, num mundo dividido pela Guerra Fria, tudo isso

encontra lugar, amplamente documentado. Fica-se com a impressão, na leitura, que ao descreverem a Independência, os autores a atribuem menos aos acontecimentos do 25 de abril de 1974 em Portugal – a Revolução dos Cravos, com a sua vertente de descolonização – mas, destacam o protagonismo dos movimentos angolanos e a capacidade deles de articulação internacional e de se mostrarem capazes de governação.

Ao descrever o período atual, da *República contra a corrupção*, no capítulo IV, os autores biografam o presidente João Lourenço, colocando-o, por seu pai, o enfermeiro Sequeira Lourenço, na linhagem dos nacionalistas que fizeram a luta de libertação. Destacam as eleições livres, a ampliação dos direitos, das liberdades individuais e de manifestação coletiva, a entrega ao país de um Código Penal – o anterior era do período colonial – assim como a revogação de artigos que agravavam a participação de trabalhadores em greves. A essas novidades, depois de mais de três décadas sob um único presidente, José Eduardo dos Santos, no tempo marcado pelos conflitos internos, soma-se o compromisso de combate à corrupção, para se garantir alguma normalidade na vida social do país e torná-lo atrativo a investimentos. O livro é concluído com a tentativa de aproximação dos Estados Unidos na visita tardia do presidente John Biden para lançar a modernização do Corredor ferroviário do Lobito, com promessas de atração de empresas e capitais.

Por ser denominado apenas *Introdução*, o livro é um convite para que novos historiadores e historiadoras sintam-se desafiados e prossigam a investigação, oferecendo mais e mais materiais para o entendimento da sociedade angolana. E, assim como uma ministra a Cultura convocou os historiadores locais a escreverem a História de Angola, esta obra pode convocar professores, ilustradores, historiadores a derivarem dela material didático em linguagem e signos apropriados para as crianças e adolescentes nas escolas de todo o país. Quando esse conhecimento chegar às crianças nas escolas, uma História descolonizada terá se consolidado em Angola.

Referências bibliográficas

Resenha do livro Batsíkama, P., & Mutombo, T. C. (2025). *Introdução à história de Angola*. Recife, PE: EDUPE.